

responsável pela Ordem, por sentir que uma mulher tenderia menos a tirar vantagem de sua ausência para fazer crescer a própria autoridade. Neste caso, a idéia não teria fundamento: havia outras pessoas na ordem que consideravam excessivos seus modos autocráticos — o Dr. Westcott, por exemplo, um dos fundadores da ordem. Ouviram-se, então, murmúrios de revolta, que cresceram quando Mathers demonstrou o desejo de introduzir seus novos ritos egípcios na sociedade de Londres. Nesse ponto, diz Joseph Hone, em sua biografia de Yeats, Mathers precipitou um rompimento, ao “buscar o apoio de um jovem terrível, que invadiu as salas da Ordem e tomou posse de um livro contendo grande quantidade de assuntos secretos”. Quando saiu o livro de Hone, em 1942, o “jovem terrível” ainda vivia e, portanto, seu nome não podia ser mencionado por extenso. Era Aleister Crowley, o espírito reencarnado de Eliphaz Levi. Sua intervenção representou o começo do fim da Ordem da Aurora Dourada, que agora se desintegrava pouco a pouco. Uma nova ordem, a Stella Matutina, declarava que não toleraria mistagogos; porém, sem alguém que fosse o mestre dos mistérios, não conseguiu manter aceso o interesse de seus membros. Mathers morreu em 1918, sucumbindo, segundo a primeira edição da autobiografia de Yeats, às poderosas correntes mágicas que emanavam de Crowley.

No excelente livro *Ritual Magic in England* (1970), Francis King relata a história subsequente da Ordem da Aurora Dourada. A Sra. Mathers assumiu a liderança de uma das ramificações da Ordem, mas não conseguiu mantê-la unida. A notável ocultista Dion Fortune provocou uma divisão e formou seu próprio Templo; posteriormente, afirmou que a Sra. Mathers lhe dirigia “ataques espirituais” criminosos, tendo mesmo conseguido matar um membro itinerante. Em 1934, um discípulo de Crowley, chamado Frances Israel Regardie, entrou para a Stella Matutina e, em seguida, pôs-se a publicar seus rituais secretos numa obra de quatro volumes. A traição, evidentemente, acelerou a derrocada final da sociedade. Os símbolos e instrumentos mágicos da A. O. (outra ramificação) foram enterrados num jardim no alto de um penhasco, na costa sul; em 1966, o desmoronamento do rochedo os depositaram na beira da praia e vários grupos mágicos imediatamente alegaram ter direito sobre eles. Esse acontecimento parece pôr fim na história da Ordem da Aurora Dourada.

7.

## A PRÓPRIA BESTA

Há um elemento de exibicionismo em todos os magos: afinal de contas, o desejo de realizar magia é fundamentalmente um desejo de impressionar outras pessoas. Em Crowley, essa característica de tal forma sobrepujava outras qualidades que a maioria de seus contemporâneos o

Crowley - 1875

tinha na conta de alguém que buscava a notoriedade. E como os ingleses têm especial horror à falta de modéstia, ele veio a ser considerado a encarnação de todos os maus hábitos antibritânicos. Sete anos após sua morte, a biblioteca pública de Finchley recusou-se a adquirir a biografia de Crowley escrita por Symonds, e até mesmo a fazer uma tentativa de tomar o livro emprestado de outra biblioteca. Um amigo meu, que procurava o livro naquela biblioteca, foi informado de que as bibliotecas devem fazer circular as obras literárias, e que por nenhum esforço de imaginação Crowley poderia ser associado à literatura.

Não se pode negar ao bibliotecário a razão ao menos num ponto: Crowley era um charlatão. Apesar disso, merece toda consideração, por ter sido um mago no sentido original da palavra — um mago, mais do que um “ocultista” ou um “espiritualista”. Seu caráter era complexo e deformado, mas a carreira que encetou por certo seguiu o curso parabólico de ascensão e queda típico dos magos.

Ele nasceu Edward Alexander Crowley, em 12 de outubro de 1875, ano que teve a morte de Levi e de Vintras, ano da criação da Sociedade Teosófica. O pai, Edward Crowley, fizera fortuna como fabricante de cerveja, e, na aposentadoria, passou a dedicar a vida à pregação das doutrinas dos Irmãos de Plymouth. Viviam em Leamington, cidadezinha pacata perto de Stratford-on-Avon. “. . . estranha coincidência”, comentou mais tarde, “que um condado tão diminuto tenha dado à Inglaterra seus dois maiores poetas. . . sim, pois não nos esqueçamos de Shakespeare”. Em sua autobiografia, que intitulou *The Confessions of Aleister Crowley*, esclarece que grande parte de seu “diabolismo” posterior representava uma revolta contra a religião da infância. Como os satanistas de Huysmans, associava sexo a pecado. Mais tarde, escreveu: “Minha vida sexual era muito intensa (. . . .) O amor era um desafio ao cristianismo. Era degradação e condenação”. Desdenhoso, ainda faz um comentário sobre os membros da Ordem da Aurora Dourada: “Eles não eram protagonistas na luta espiritual contra as restrições, contra os opressores da alma humana, os blasfemadores que negavam a supremacia da vontade do homem” — observação que faz lembrar as doutrinas de Saint-Martin. Foi sua mãe, disse ele, quem primeiro lhe disse pensar que ele fosse a Besta do Apocalipse cujo número é 666.

Isto deixa entrever que sua infância foi bastante reprimida e amargurada. Na realidade, a autobiografia esclarece que tinha pais compreensivos e afetuosos, e que ele era um garoto um tanto mimado. Os meninos tendem a imitar o pai, e seu pai, diz ele, era líder nato, de modo que seu espírito se formou desenfreado. O pai morreu quando ele contava onze anos, e sua impetuosidade natural aumentou. Tudo indica que tenha sido o tipo de guri que fuma escondido no banheiro da escola e quebra os brinquedinhos da irmã mais nova. Aos onze anos, mandaram-no para uma escola particular para os filhos de membros de ordens religiosas, em